



# ANIMATO GRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 9 ● 1\$50





## SIEGTRIED ARNO NUM FILME PORTUGUES

Causou justissima sensação a noticia de que o célebre actor-cómico alemão Siegfried Arno interpreta um dos principais papéis da primeira produção do Bloco H. da Costa, cujo título já pode ser anunciado: «Gado Bravo». Arno desempenha o papel dum artista de «music-hall», parceiro de Olly Gebauer, que os azares duma «tourné» levam ao Ribatejo. Adivinha-se a série de movimentadas peripécias em que o nosso homem (que, entre parêntesis, está entusiasmado com a sua viagem a Portugal) se vê envolvido, e em que os toiros intervêm largamente...

Na capa: DANIELLE PAROLA.





# FOTOGENIA

ao meu amigo António Lopes Ribeiro

Vamos repetir a cena  
Do pormenor que é preciso  
Pôr mais a nú...  
— Quero dar-lhe outro valôr,  
Tôda a lúbrica riqueza  
Dessa inflexão arrastada...  
— Grita nervoso e aquecido  
O jovem realizador.

Outra vez aquêlê gesto,  
Aquêlê olhar —  
E o sorriso não chegou a ser ainda  
O verdadeiro sorriso  
Que é preciso iluminar.

Sofra!, — mas não, não é isso;  
Mais tortura no sentir,  
Mais alma! — Assim...  
Agora, — queira sorrir...

Basta. Ponham a andar os motores.  
Ainda só uma vez  
Ao final dúbio do filme,  
Áquela gentil passagem  
Movimentada e viril  
Do cavaleiro e do pagem!

E os corpos —  
Já mesclados de cansaço,  
Voltam a erguer-se...  
E a luz tomba —  
Imponderável!,  
Sinistra de brancura que magôa  
— Tôrvo zumbido nas fontes,  
E dando a febril cintilação  
Dum incêndio etéreo e inenso  
À mercê da sensação...

Mais uma vez — duas vezes,  
Concretizem!,  
Vamos, mais rasgadamente!,  
— Esse beijo não deu nada,  
Quero outro fôgo, outra vida,  
Outro agarrar!,  
— Bolas!, que esta gente está cansada.

E o jovem realizador  
Fixando alucinado e consciente  
Mas dominado —  
Pela visão  
Do seu sonho ainda errante,  
Pede ás almas  
Que subam á perfeição  
E fiquem nela um instante.

ANTÓNIO BOTTO



## HARRY LANGDON



Mieux est de ris que de larmes écrire  
Pour ce que rire est le propre de l'homme

## RABELAIS

Os cómicos são os aristocratas do ecran. Muita gente pode não saber de cór os nomes dum trágico de talento, como Georges Ban- croft, duma grande actriz, como Mary Dressler ou Helen Hayes, duma *flapper* insinuante como Nancy Carroll. Mas sabe certamente dizer: Char- lot, Pamplinas e Harold.

Esta trindade superior dos príncipes do riso dispõe duma cõrte variegada e brilhante, com- posta de bobos-fidalgos cuja missão na tela é fazer rir — a mais nobre e a mais ingrata das missões. Mas o público, abrindo uma honr sa e merecida excepção para Laurel e Hardy, não se entretém a decompôr os méritos mais sub- tils mas não inferiores de Slim Summerville, de Eddie Cantor, dos Marx, de todos aqueles de que lhes tenho falado nesta série, procurando integrar cada um no seu papel e pôr à la por- tée de tout le monde as suas curiosas personali- dades.

Vou agora falar-lhes de Harry Langdon, có- mico excelente, mas que sofre do inconveniente admirável de ter criado uma silhueta diversa das demais, indo apenas buscar a cada um dos três maiores um traço, um jeito ou um proces- so, que o filiam na sua boa escola, sem sacrifi- car a sua originalidade.

Harry Langdon é, à primeira vista, um dis- cípulo directo de Charlot. Discípulo — e não imitador. A pouca sorte de Chaplin adicionou a impassibilidade toante de Buster Keaton e, paradoxalmente, o desembaraço de Harold Lloyd. Com uma cara de parvo indiscutível, que lhe maquiilha corajosamente com o alvaide sinistro dos palhaços (tal como Chaplin), Harry Lan- gdon não se perturba grandemente com os co- riscos que Jupit r Tonante atira sobre ele, ar- rajando sempre a boa maneira de os conjurar.

Todas os seus filmes especulam com a sua pouca sorte e a sua timidez. A primeira obra de fôlego que interpretou (*The Strong Man*, que em Portugal se chamou *Atleta à força*) mostra- va-nos um Langdon diferente daquele que du- rante alguns anos viramos aparecer em farsas de dois rôlos, sempre envolvido em casos con- jugais, numa bebedeira pegada, com a cama- de-casal promovida às funções de centro dra- mático. Era um pobre-diabo de olhos des- lumbrados, duma candura infantil, fraquinho de peito, coração acessível e constante — e uma ten- dência manifesta para se constipar.

Não ousamos dizer que Langdon descobriu e revelou a po sia da constipação... Mas o que não há dúvida é que conseguiu exteriorizar toda

a tragédia íntima que a incó- moda e banalíssima doença desencadeia no cerebro e no nariz dos miseros mortais.

Num filme intitulado *Sem- pre a andar* (*Tramp, Tramp, Tramp*) vimos Harry Lan- gdon mimar — com que prodi- giosos recursos! — a cara lastimável dum homem per- seguido por uma constipação. Uma coisa estenuante, *insu- nuante, ranhosa e antipática*. Estamos a vê-lo sentado no banco trazeiro duma diligen- cia, a esfregar o nariz, a fun- gar, a distrair os espirros, de olhos pesados, pescoço atado, friccionando-se tristemente com *mentholatum*! Isto, que não é nada, é qualquer coisa de grande feito por Harry Langdon.

O encenador que melhor soube aproveitar o talento de Harry Langdon — que foi um dos melhores pupilos de Mack Sennett — chama-se

Frank Capra. No *Atleta à força* conseguiu *gags* espantosos. A parte dos bancos que caem uns sobre os outros como um castelo de cartas e o gesto desolado e impotente que lhe esboça, entre cada dois passos precipitados e inúteis; a narrativa feita à cega (Chaplin: onde foste buscar a florista das *Luzes da Cidade?*...), exuberante de gestos dispensáveis; o espectá- culo de circo, com o episódio inenarrável do canhão, — ficam na história.

Além da timidez, da ingenuidade, da candura e da constipação, Harry Langdon tem um «adeuzinho» inconfundível. Pratica-o quando se vê em transe apertados, para dis- farçar, surpreendendo os antagonistas. Le- vanta o braço, aos so- lavancos, sem saber se vale a pena... Mas lá se decide. E quando chega com o braço ao fim, toca duas vezes com os dedos na palma da mão... E encolhe logo o bracinho curto, com mêdo que lhe ba- tam.

Harry Langdon é um artista. A sua sensibi- lidade, o seu talento, animam os seus olhos infantis, a sua cara redonda de boneco. No tempo do silêncio dava a impressão de que, quando se lhe carre- gasse na barriga, só saberia dizer papá e mamã. O sonoro mos- trou-nos a sua voz. E — ó pasmo! — é uma voz de homem, viril, insinuante, e ao mes- mo tempo doce e ma- leável... O pai da criança e outras peli- culas pobres de ima- gens e ricas de imagi- nação, prolongam o nome e os seus mé- ritos.

Como Charlot, Har- ry Langdon personifi- ca o pobre. Em um e outro há uma faceta de fura-vidas que só é

prejudicada pelo mêdo, em Chaplin, pela timi- dez, em Langdon. Porque Langdon não tem mêdo, como qualquer dos três maiores. Vimos há pouco tempo um filme em que Langdon (lembro-me agora que lhe chamavam Pancrâ- cio!) era tomado por um valentão das dúzias, que dominava uma região do Oeste americano. A diligência em que Langdon seguia como fa- moso valentão, para se exibir como músico ambulante, é assaltada pelos bandidos. Só Langdon consegue seguir viagem. E, muito justamente, é tomado pelo referido v. lentão.

Mal chega a aldeia, em que o povo inteiro, sabedor do caso, espreeita às esquinas, estaca a diligência, ergue-se na almofada e diz apenas isto: *All right!* E o povo de fugir a sete pés.

Um covarde não aproveitaria nunca como Langdon aproveita aquele *all right* providen- cial, — inclusivamente no único momento em que corre o risco de se mostrar inofensivo tal qual é, cantando e dançando um banalíssimo *rag-time*...

Pobre de dinheiro, Langdon não é portanto um pobre de espirito.

É um az, de engenho ingénio, simplista — mas eficaz. Vagabundeia pelo mundo fóra, mas sem o ar perseguido do *schlemil*, sem ilusões, sem preconceitos de dignidade, fazendo honra- damente pela vida.

É um optimista impassível, que não mete dô, e que o ridículo não fere demasiadamente. O pior é que a vida não é para graças. E lá vai perseguindo o Langdon fracalhão, que ve- geta com serenidade e desassombro, sempre metido comsigo, a falar sózinho, torcendo os dedos e distraíndo-se com coisas pequeninas.

Harry Langdon é, em resumo uma joia de rapaz.

Vamos sempre vê-lo — e ouvi-lo. Que pena o público, que ri com ele, mas não o compre- ende e muito menos o admira, — não ir comigo vê-lo e ouvi-lo também.

BALTAZAR FERNANDES



A maneira de Langdon é inconfundível



# A CRITICA

*Sendo ponto assente que o negócio de cinema depende em última análise do público pasante, do espectador despreocupado e egoísta, que se limita a ir ou não ir, conforme lhe cheta e segundo as indicações do vizinho de baixo ou dos «condiscipulos de barbeiro», — como dizia o pobre Feliciano Santos, — a sua educação sob o ponto de vista cinéfito depende da arte cinematográfica.*

*Essa educação incumbe principalmente à crítica, que já ocupa, na imprensa cotidiana de todo o mundo, um lugar equivalente ao ocupado pelas suas colegas literária, dramática e de belas artes. Até o austero «Temps» aumenta dia a dia o espaço parcimoniosamente destinado à crítica cinematográfica, onde pontifica o grande Emile Vuillermoz.*

*Mas a missão da crítica, corrompida por um lado pela desfaçatez da publicidade paga, lutando por outro com a escassez de especialistas, nem sempre tem sido desempenhada como devia ser.*

*Não nos referimos exclusivamente a Portugal, a que cabe a honra de ter sido um dos primeiros países em que dois grandes jornais diários — o «Século» e o «Diário de Lisboa» — dedicaram à crítica de cinema uma página semanal. Lá fora como cá — más fadas há.*

*Até nos Estados Unidos, terra de promissão do animatógrafo, a crítica não cumpre, dividindo-se, a sua delicada obrigação. Letai conosco estas justíssimas queixas, dadas à estampa numa publicação hollywoodense:*

*«Nos Estados Unidos, como em toda a parte, existem duas classes de críticos e as opiniões de cada uma delas são por vezes tão opostas, que os leitores se vêem atirados sem saber em qual acreditar.*

*«Um crítico elogia um filme. Para ele, a impressão foi favorável. Despertou-lhe emoções e a sua caneta regista ansiosa a reacção dos seus sentidos. O seu entusiasmo não tem limites. O outro crítico, frio, implacável, apegado com lógica, certeira os elementos da mesma produção. Para ele, a fita está cheia de erros, augurando-lhe o mais desastroso fim.*

*«Porque existe tal diferença de opinião entre dois indivíduos cuja experiência devia habilitá-los a predizer com segurança se o filme agradará ou não à maioria do público a quem se destina?*

*«A diferença está no facto das personalidades dos dois críticos serem tão opostas como os polos. Um deles senta-se a observar a nova obra com um espirito de honestidade imparcial, e os seus sentidos estão predispostos a deixar-se levar pelas reacções que a acção evocará. De que estas reacções sejam favoráveis ou desfavoráveis, só os seus sentidos de mero espectador podem guiar-lhe o parecer.*

*«Quanto ao outro crítico, esse começa por estar consciente da sua importância de árbitro do que é ou não é aceitável para o público. Com a cara dura como um páu senta-se a ver o filme numa atitude de pessimismo antecipado. Para ele não existem as emoções. De sobranceiros franzidas, vai esmiuçando passo a passo os erros que, para ele, são imperdoáveis. O diálogo carece de originalidade; a entoação dos artistas é forçada e imprópria; o realizador não sabe o que faz; a iluminação podia ser melhor; a fotografia não é de primeira classe, etc., etc., ad infinitum. E assim chega ao final, convencido de que a obra é ordinária e não encontrará acção favorável. Este crítico não pensa no público para quem escreve. Pensa nos seus amigos, todos eles membros dum club de literatos, cépticos e doentes do fígado, para quem as emoções naturais da gente são apenas prova de ignorância e de pirlismo. Para esta classe, de críticos, as massas não sabem o que querem. Eles, os eleitos, pela qualidade e pela quantidade da sua massa encefálica, são os que hão-de guiar os gostos e as predilecções da plebe».*

*Guiam-na bem, não há dúvida, Mas nem só a crítica tem culpas no cartório. Vejamos o que disse há dias na Comédia, André G. Block:*

*«O público tem a sua parte nas responsabilidades. Ou melhor: os públicos. Porque, existe um público letrado, uma elite que se interessa pela arte e pela crítica literária e dramática; o público do cinema é uma massa amorfa, composta dos elementos mais diversos, de que a maioria não é capaz de compreender as questões da arte (o que significa que não seja sensível ao belo, ao verdadeiro). O cidadão médio, que vai ao cinema, pensa, lendo as críticas sérias — se é que as lê — que «não vale a pena ir tão long», «o que ele vai buscar...», etc.» E, mais adiante, acusa a «grande imprensa chamada de informação» de só ligar ao cinema uma importância comercial, desinteressando-se pelo seu papel artístico.*

*Crítica, público e imprensa são, por vezes, trindade perniciosa das coisas de cinema. Em vez de se completarem, apoiando-se, esfacelam-se com improprios e enfraquecem-se com discrepâncias. Mas há que aceitar as coisas com fatalismo, decorando a frase definitiva de Vuillermoz:*

*«O público tem a imprensa que merece e a imprensa a crítica de que é digna».*

A. L. R.

fetido da actividade comercial foi um grande comerciante português do Rio de Janeiro. A sua família é muito estimada entre as colónias portuguesas do Rio e de Paris. Um dos seus irmãos é presentemente funcionário na chancelaria do Consulado de Portugal em Paris.

Nita Brandão não vai afrontar pela primeira vez, em *Gado Bravo*, a objectiva duma «camara» cinematográfica. Já apareceu em alguns filmes da Paramount francesa e em vários filmes da Pathé Nathan, graças ao seu purissimo francês.

«Animatógrafo» apresenta á jovem portuguesa e a sua mãe, que a acompanha, os seus cumprimentos de boas vindas, fazendo votos para que alcance os mais brilhantes triunfos na sua carreira.

## António Botto

Por um lamentável equívoco de paginação, saiu truncada a Canção que António Botto, príncipe dos poetas portugueses deste tempo, dedicara a Annabella, e com a qual honrava, como com duas anteriores honrou, as páginas de «Animatógrafo». Aqui a reproduzimos, desta vez intacta, em toda a sua beleza de ritmo e de forma:

*Não tem razão,  
— Quem afirma que a mulher  
É uma coisa complexa  
De mentira e de prazer.*

*Se assim fôsse, — não havia  
Um homem que acreditasse  
Nos designios —  
Imponderáveis e eternos  
Do beijo pôsto na face.*

*— Na face ou noutro lugar,  
Desde que o beijo aproxime  
Os corpos sem os vexar.*

*E tu por mim, —  
Posso aizer-vos, e é justo  
Que ela seja preferida,  
Porque possui o alem  
De dar vida á propria vida.*

*Negar-lhe —  
Essa fatal posição,  
Seria —  
Como tentar esquecer-me  
De ouvir o meu coração...*

*E aqui ficamos; — mais nada.*

*O que surge, depois disto,  
É variante que gira  
Acompanhando a idade...  
— Depende da fantasia  
Da nossa sensualidade.*

Ao admirável poeta, que teve a gentileza de não se zangar conosco, como seria legítimo, continuando a dar-nos a primazia dos seus versos inéditos, e ao leitor, a quem lesámos duma semana o prazer perfeito de os ler, apresentamos as mais porfiadas desculpas.

## Uma novela

Quedes de Amorim, jornalista de pulso e novelista vigoroso, ofereceu-nos o seu último livro: *A mulher do próximo*. Um conflito forte, doloroso, tratado com a clarividência e o abandono de quem vive a vida em que são possíveis e naturais as coisas que descreve.

As personagens de que nos narra as paixões, sendo bem portuguesas, surpreendidas flagrantemente no dia-a-dia nacional, vestem contudo segundo o figurino literário internacional, isto é: afinam com as exigências da novela contemporânea.

A linguagem é clara e ordenada, corrente de expressões, o que não exclui bem reartado estilo, rico de sonoridades.

Um último elogio: *A Mulher do próximo* podia fazer-se um filme interessante.

Desejamos ao nosso camarada e colaborador o êxito que a sua novela bem merece e a que as anteriores já nos habituaram.

# Panorâmica

## Nita Brandão

Chega hoje a Lisboa, a bordo do «Croix», Nita Brandão que será a protagonista de *Gado Bravo*, primeira produção do Bioco H. da Costa.

Nita Brandão, figura gentil e moça de mulher, é uma portuguesa de 19 anos, nascida no Porto. Viveu durante alguns anos no Brasil e, desde 1928, em Paris.

É filha de pais portugueses. Seu pai, hoje



# Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS AS ESTRELAS  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTÚDIOS

## MARLENE DIETRICH CLARA BOW CHEGOU A PARIS

Marlene Dietrich é a última das grandes personalidades do cinema americano a visitar a Europa. Marlene, acompanhada de sua filha Maria, chegou há uma semana a Paris em goso de férias, tendo feito a travessia a bordo do «Europa», que quinze dias antes trouxera também Henry Garat.

Marlene, que envergava bisarramente um fato de homem, um grande sobretudo, uma boina basca e uns grandes óculos escuros, tinha a esperá-la em Cherburgo, além dos indispensáveis «reporters» e muito público, seu marido Rudolph Sieber.

Entrevistada pelos jornalistas disse: «Não compreendo porque se têm tecido tantas histórias à roda dos meus fatos. Foi a primeira e única a adoptá-los? Não me parece; em Hollywood os trajos masculinos usam-se correntemente. Num dos meus filmes reparei que gostavam de me vêr assim; daí o tê-lo ado-

### Já se sabem as razões porque se divorciou

#### JANET GAYNOR

Como se sabe, e nós já o dissemos num dos nossos primeiros números, Janet Gaynor requereu o divórcio de seu marido o advogado Lydell Peck,



que é hoje um dos dirigentes do departamento dos «cenários» da Paramount, e com quem Janet se tinha casado há pouco mais de três anos. Soube-se agora, por terem sido reveladas no tribunal, as razões porque Janet não pode já aturar o marido. Queixa-se que Lydell era além de excessivamente cruelmente, um indivíduo irreflexivo, impicante e intolerável!

Collada, pobre Janet; vejamos a qualidade do casamento que durante três anos atormentou a pura e doce Janet...

ptado.» Sobre os seus projectos respondeu «Férias, unicamente, tanto em Paris, onde vive meu marido, como na Côte d'Azur, e alguns dias na Alemanha, em família...»

Nenhum filme em vista? — Na Europa não. Mas em Hollywood, em Setembro ou Outubro, retomarei o meu trabalho no estúdio. Antes de partir assinei um contrato para dois filmes, cujos títulos ainda ignoro. Tendo-lhe sido perguntado se seriam dirigidos por Sternberg, Marlene respondeu: «Naturalmente».

### UMA SOBRINHA DO PAPA estreia-se no cinema

Estreou-se agora em Roma a primeira italiana cuja vedeta é Sandra Ravel, uma nova artista que desponta, e que é nem mais nem menos que sobrinha do Papa. O seu nome verdadeiro é Sandra Ratti. Antes de se dedicar ao cinema Sandra pediu autorização a seu tio, Pio XI, chefe da família Ratti, que não opôs qualquer dificuldade aos desejos da jovem, apenas a aconselhando a mudar de nome, tendo elle próprio escolhido o pseudónimo com que deve aparecer no mundo do cinema — Sandra Ravel.

Sandra tem 20 anos e é uma loira encantadora.

### Silver King, actor de quatro patas, num filme de TIM MAC COY

Tim Mc Coy o simpático protagonista de alguns dos mais belos filmes de ar livre produzidos nos últimos tempos de «silencioso», série que teve W. S. Van Dyke, o animador de *Trader Horn* e *Tarzan* por realizador, fez há tempos o seu regresso à tela ao mesmo tempo que a sua estreia no fonocinema.

Presentemente está interpretando para a Columbia, empresa a que pertence, o filme *Rusty Rides Alone* em que tem como *partenaire* a linda Barbara Weeks, que há pouco vimos em *Dias Felizes* ao lado de Eddie Cantor.

Nesse filme faz a sua estreia uma nova estrela canina, Silver King, filho do famoso Dynamite que foi o intérprete de 32 filmes para a Universal. Silver King, cuja inteligência é segundo se diz, verdadeiramente assombrosa, é presente-n-te o unico dos artistas de quatro patas que com mais vantagens pode trabalhar no fonocinema, porquanto obedece apenas por sinais ou gestos.

### CLARA BOW começou já a interpretar o seu novo filme

Clara Bow cujo exito invulgar alcançado em *Sangue Vermelho* foi uma prova concludente de que, apesar de todos os sucessos em que se viu envolvida, não tinha sido esquecida pelos seus fieis admiradores, que se contam quasi pelo número de frequentadores do espectáculo cinematográfico, começou já interpretando o segundo filme do seu actual contrato com a «Fox».

Esse filme, cujo argumento fóra escolhido, entre muitos outros, por Clara durante a sua recente visita à Europa, intitula-se *Marie Gallant*, nelle interpretando Clara um papel muito diferente daquêles em que, até agora, tem aparecido.

### R. L. Stevenson outra vez no cinema

*Treasure Island*, que é nos países de lingua inglesa um dos mais célebres romances de aventuras de Robert Louis Stevenson, o autor de «Dr. Jekyll and Mister Hyde», de que foi extrahido o filme que entre nós se exhibiu com o título de *O Médico e o Monstro*, vai ser levado ao cinema. E' a «Metro» que vai produzir esse filme, que será inteiramente realizado em cores naturais, tendo a dirigilo W. S. Van Dyke e por intérpretes Wallace Beery e o pequeno Jackie Cooper.

Da «Illa do Tesouro» foi feita já há uns quinze anos uma primeira versão que teve Shirley Mason, num curioso *travesti*, por intérprete e Maurice Tourneur por realizador.

### Victor Mac Laglen vai interpretar um filme inglês

Mais outro que chegou a Inglaterra: Victor Mac Laglen.

Victor Mac Laglen, que tem formado com Edmund Lowe uma das mais constantes parrelhas cinematográficas, vem a Inglaterra para ser o intérprete duma série de filmes para as John Stafford Productions, o primeiro dos quais será baseado na vida de Dick Turpin, uma figura muito popular na Inglaterra. Victor Mac Laglen, embora nascido em Inglaterra, é desde há poucos meses, por se ter naturalizado, cidadão americano. O seu mais recente filme intitula-se *I'll be Hanged if I do* e teve Conchita Montenegro por «leading-lady».

### King Vidor a contas com os tribunais

Segundo determinação do juiz que julgou a acção de divórcio requerida por Eleonor Boardman contra seu marido, o encenador King Vidor, este foi obrigado a dar-lhe uma pensão mensal de 500 dolares.



Chester Conklin, o conhecido comediante que durante muitos anos trabalhou nas comédias de Mack Sennett, o grande mestre americano do género, acaba de se divorciar da sua mulher depois de dezoito anos de tranquilo matrimónio, por decisão do tribunal de Los Angeles. Chester accusava Mrs. Conklin de abandono do lar...

### O novo filme de G. W. Pabst

G. W. Pabst, o extraordinário animador de quem podemos vêr essa obra admirável que é *D. Quixote*, vai supervisionar um novo filme que terá por realizador Marc Sorkin, um dos seus mais antigos colaboradores. Intitula-se *Cette nuit-là* e é extrahido da peça homónima do dramaturgo húngaro Pilyah. Serão seus intérpretes Madeleine Soria e Lucien Rozenberg, que a crearam no teatro da Madeleine, e no qual farão a sua estreia na tela.

### Flashes

Intitula-se *She Wanted Her Man* o primeiro filme inglês que Bébe Daniels vai interpretar para a B. I. P. Para seu «partenaire» foi escolhido Victor Varconi, o conhecido actor-húngaro.

A *Virgem de Stambul*, o célebre filme que a Universal realisoou há uns 14 anos, com Priscilla Dean por protagonista e Wallace Beery e Wheeler Oakman, então seu marido, por *partenaires*, vai ser de novo refeito por aquella mesma empresa.

Helen Hayes e Robert Montgomery são os intérpretes do filme da Metro *Another Language*.

Billie Dove, que estava divorciada do encenador Irvin Willat desde 1931, acaba de casar-se com Robert Kenaston, um rico proprietário dum «rancho» de Yuma, no Texas.

Stan Laurel está realizando uma viagem de automóvel ao Canadá.

Vera Reynolds, a interessante artista que há tanto tempo não vemos, divorciou-se agora do actor Robert Ellis.

Robert Montgomery e Sylvia Sydney renovaram os contratos que tinham com a Metro e a Paramount, respectivamente.

Maria Alba, a «leading-lady» de Douglas em *Robinson Moderno* ganhou o primeiro prémio dum concurso de penteados originaes, que teve lugar recentemente em Hollywood.

Virginia Bruce acaba de tornar público que espera presentear, por todo o mês de Julho, seu marido John Gilbert com um bebé.



# Já foram dadas as primeiras voltas de manivela para o primeiro filme do BLOCO H. DA COSTA que se intitula "GADO BRAVO"

O Bloco H. da Costa impôs-se imediatamente à atenção dos cinéfilos, como todas as coisas sérias que entram desde logo no domínio das realidades.

Oito dias depois da chegada a Lisboa de Max Nosseck, o super-visor escolhido para a primeira produção e que, segundo tudo leva a crer, orientará superiormente as que imediatamente lhe sucederem, davam-se no Ribatejo, — mais precisamente: em Valada do Ribatejo — as primeiras voltas de manivela para o filme «Gado Bravo».

«Gado Bravo» é o título escolhido para este primeiro filme.

«Gado Bravo» será um hino visual erguido em louvor da terra portuguesa, personificada por uma das suas mais lindas paisagens: O Ribatejo, com a lezíria, o montado, o rio, as azinheiras, os pinheiros, os cavalos, os toiros e os campinos. Admirável motivo de cinema, que já seduziu outros realizadores, que não conseguiram contudo esgotá-lo, como desta vez se não pretende nem poderá esgotar.

E' a história dum homem que vive preso à terra, nobre e tisonado como ela, e em quem a graça duns cabelos loiros provoca uma fatal perturbação.

O primeiro dia de filmagem de «Gado Bravo» decorreu com a normalidade das coisas organizadas. Não houve enervamentos nem surpresas.

Max Nosseck, António Lopes Ribeiro e Arthur Duarte, com a preciosa colaboração do distinto escritor e ribatejano de verdade que é o Dr. Mota Cabral, haviam previsto e preparado tudo.

Pretendia-se filmar um dos mais curiosos espectáculos da lezíria: a travessia do Tejo, a vau e a nado, dum grande manada de vacas e toiros bravos.

Manuel Luiz Vieira, José Nunes das Neves, e os dois operadores auxiliares, impressionaram alguns metros de película que vão mostrar uma coisa inédita no ecrã. A poeira da estrada, erguida pelo tropél terrível da manada, marca um curioso contraste com a «poeira do rio» que os toiros levantam ao atirar, pesadamente, os seus corpos à água.

Qualquer ribatejano ou familiar das coisas da lezíria, sabe que é impossível, por maior que seja a perícia dos campinos, conduzir uma centena de cabeças dum para a outra margem do rio sem que algumas se tresmalhem.

Para esse incidente inevitável contribuiu sempre com denodo a «aficção» exuberante da gente daqueles sítios.

Quando não se tresmalham — não tem graça. E é vê-los a berrar, a esbracejar, a agitar barrêtes e cintas encarnadas, para que os toiros façam exatamente aquilo que, de todo o coração, nenhum deles deseja que lhe façam: levar marrada.

Nas ruas da vila, a festa atinge o auge.

Os estabelecimentos fecham, — não com medo duma violenta e importuna visita, mas para que os donos e os empregados possam tomar parte na vacada. Para aquela gente qualquer dia de toiros tresmalhados — é domingo. Mas paradoxamente, é sempre um dia útil, que eles esmifram até ao fim.

As mulheres que não andam na rua atrás dos toiros — não andam, porque não cabem. Penduram-se nas janelas aos gritos; batendo palmas furiosas, incitando os homens e os animais.

Naquele dia célebre — nenhum dos «cineastas» almoçou. A criadita andava doída de janela para janela, afogueada, excitada, batendo as mãos e deixando cair os pratos. Quando algum operador esfomeado lhe implorava, abolindo a sua ascendência de cliente, as ervilhinhas com ovos, a rapariga olhava para ele, ria com enlévo, e só sabia dizer: Ai a vaca, a vaca!...

O Neves, que é um valente, que já bandarilhou e pegou touros, saltou com um «Kinamo» para o meio da rua e afrontou, com garbo e proficiência, os arrancos e as manhas do animal.

Deve ter conseguido um bem movimentado e pitoresco documento.

O Arthur Duarte, que andou todo o dia de calções de golf e chapéu à Mazzantini, queria por força pegar a vaca e capotea-la com o casaco de Nosseck. Mas era preciso poupar o assistente geral, para que possa ser útil como sabe ser, noutros filmes em que não estrem toiros.

Olly Gebauer abria muito os seus olhos de austríaca, e só tinha uma palavra útil: *Wunderbahr!*

Era rrialmente maravilhoso. Max Nosseck e António Ribeiro preocupavam-se mais com o seu filme do que com a festa. Mas sabiam perfeitamente que ela lhes fornecia, sem grande esforço de encenação, só por engenhos de montagem, um excelente material de cinema, vivo e original.

Quando os campinos levaram a vaca, Valada do Ribatejo entristeceu. E o povo, contrariado, murcho, começou com moleza a faina habitual.

Na história do Bloco H. Costa, as cenas de Valada do Ribatejo, de tão pouca importância dentro do argumento, devem contudo ser assinaladas com uma pedra branca. E' o início da realização dum sonho antigo, que H. da Costa soube guardar para a melhor altura e para bem do cinema português.

B. F.



Max Nosseck, António Lopes Ribeiro, Arthur Duarte, Manuel Luis Vieira e José Nunes das Neves, durante a preparação da filmagem dum dos planos de «Gado Bravo», em Valada do Ribatejo. Ao lado do carro, Olly Gebauer.



# O CASO CLARK GABLE



«Agora já posso imiscuir-me entre a multidão sem temer o perigo de me rasgarem em tiras o meu lato.

Há uns seis meses era-me impossível fazer, impunemente, a mesma proesa. Confesso que não sei bem o que de bom, ou de mau, essa mudança poderá significar para mim...», disse-me Clark.

Depois, com a rude franqueza dum tecnocrata, continuou contando-nos os altos e os baixos da sua carreira — desde o seu primeiro grande êxito em *Virtudes Moerinas* até agora, a *Irmã Branca*. Ele arvora com a maior das naturalidades em crítico de si próprio; também, com a maior facilidade e sinceridade nos diz não só quais os filmes que o elevaram à celebridade, como nos conta ainda o compasso de espera

porque passou a sua carreira, revelação esta que poderia fazer corar outro artista que não fôsse o franco e leal Clark.

A curiosa sencerimônia com que o Clark Gable *homem* critica o Clark Gable *artista* é uma das características do nosso homem.

John Gilbert, nos seus tempos aureos mostrava-se a tal ponto orgulhoso da sua sombra cinematográfica, que passou na vida real a ser um homem cujo caracter e aspecto dir-se-iam moldados na mesma figura que criara na tela.

Valentino também era fortemente influenciado pelo Valentino que o público tinha criado.

Clark, pelo contrario, mostra-se capaz de criticar, de julgar um trabalho do actor Clark Gable com a mesma sinceridade e desprendimento com que o faria se se tratasse de um Fre-

deric March, dum James Cagney, ou outro qualquer artista.

O Clark Gable *homem* não aprovou a escolha do actor Clark Gable para principal intérprete masculino da *Irmã Branca*. Ele tem a coragem de poder dizer que o artista Gable não será nunca um Ronald Colman, e tal qual sucede a quem quer que tenha visto a primeira versão silenciosa de *The White Sister* com Colman e Lillian Gish, é o próprio a perceber perfeitamente que Ronnie fez do seu papel uma verdadeira criação, e que ninguém mais poderia, nesse personagem, ultrapassá-lo. A despeito disso nunca, como neste filme, Gable trabalhou com tanto interesse e ardor para conseguir uma actuação que estivesse à altura do personagem.

No momento em que lhe falei estava vestido com uma farda de aviador e tinha a cara suja de óleo e de pó, aspecto esse na verdade pouco atraente, mas necessário à filmagem de algumas cenas de *Irmã Branca*. Confessou-me que não gostava nada de se ver naquela figura.

«Por vezes chego a acreditar que a minha carreira tem qualquer coisa de semelhante com uma casa comercial, que tivesse a razão social de Clark Gable, Limitada, por exemplo. E digo isto porque a minha actividade no cinema, tal como o movimento agitado duma casa comercial, tem os seus períodos em que ao aspecto florescente numa determinada altura se segue logo outro completamente oposto, com uma incerteza e um aspecto de crise como se se tratasse de qualquer empresa comercial... Por isso é preciso administrá-la com muito tacto e intelligência, de forma a que depois possa vir a dar dividendo — ao público, como à companhia produtora que nela tem investido um capital de respeito...»

«De facto, nos primeiros tempos, da empresa «Clark Gable, Limitada» não se pode dizer que aquela tivesse tido um movimento brilhante, mas, no entanto, quando lançou um produto chamado *Virtudes Modernas* o movimento animou...»

Confesso que fiquei um pouco aturdido com o que se disse da minha pessoa nos três filmes que sucederam a *Virtudes Modernas*: *Os Seis Misteriosos*, *The Finger Points*, com Barthelmess, e *Night Nurse*; calcule-se qual a minha surpresa quando, ao ler as críticas a esses filmes reparei que todos afirmavam que eu devia ser considerado com uma autêntico «caso sensacional»!

Durante o ano que se seguiu, a empresa Gable manteve-se florescente.

Tenho para mim a impressão de que ela atingiu o máximo de prosperidade com *Alma Livre*, o filme de Norma Shearer, o qual se manteve em *Puro Sangue* e *Titans do Céu*. *Suzon Lennox*, com Greta Garbo, não desmanchou o conjunto. Eu estava, assim, sendo utilizado em excelentes argumentos e ao lado de três das mais célebres mulheres do cinema — Norma Shearer, Greta Garbo e, em *Pecadores Alegres*, Joan Crawford.

Foi por esta altura da sua carreira que a Clark Gable lhe era vedado aparecer em público sem que a gravata ou o laço dos sapatos não fôsem obrigados a deixá-lo para passarem às mãos de histéricos caçadores de recordações!...

Vieram depois *Polly of the Circus* com Ma-



A silhueta máscula de Gable é o complemento directo da beleza pujante de Joan Crawford

Conclui na página 16



# BEATRIZ COSTA E ANA MARIA SERÃO AS VEDETTAS DA «CANÇÃO DE LISBOA»

A C. P. F. S. depois de ter procurado afincadamente as duas principais intérpretes que lhe faltavam para a «Canção de Lisboa», acabou por encontrá-las, uma no teatro e outra na última matinée da «Imagem» realizada, como sempre, no S. Luiz Cine. São elas a conhecidíssima actriz Beatriz Costa e uma jovem desconhecida, alta e loura, que deu Ana Maria como nome de guerra e que ficou agradavelmente surpreendida com a inesperada oferta que lhe fizeram.

A Beatriz Costa, que já está habituada aos seus fáceis sucessos, não se entusiasmou nem deixou de entusiasmar com a sua nova promoção a vedeta cinematográfica. «Animatógrafo» não se esqueceu de cumprimentá-la pessoalmente pela feliz escolha que fizeram da sua figurinha simpática. Encontramo-la no hotel Metropole onde está temporariamente hospedada enquanto a sua casa particular, actualmente em obras, não estiver em forma para a receber,



Animatógrafo

Quando perguntamos por ela no Metropole, a nossa vedeta amiga estava ainda no banho às três horas da tarde, o que não significa ter-se levantado a essa hora, exorbitante para uma artista. A Beatriz costuma levantar-se bastante cedo para não faltar nunca à sua sessão de ginástica no Teatro Avenida. Ficámos admirados com a rapidez da sua toilette. Dez minutos depois aparecia-nos cheia de pressa dizendo que ainda não tinha almoçado. Acompanhamo-la durante o seu rápido almoço e falámos do filme, das obras da casa, do calor e da costureira para onde ela tencionava ir passar as melhores horas da sua tarde. A Beatriz falou, aflita, da fase excessivamente trabalhosa em que ia entrar com a sua participação no filme, que se via obrigada a acumular com o teatro. Deitar-se todos os dias às duas da manhã e levantar-se às sete para filmar todo o dia, não era brincadeira nenhuma. Dissemos ainda umas coisas pessoais enquanto o almoço acabava precipitadamente. Despedimo-nos.

\* \* \*

Já tínhamos visto Ana Maria no palco do S. Luiz, no momento ainda duvidoso em que essa interessante rapariga devia ser examinada pelos interessados. Pareceu-nos distinta, bonita e educada. Disseram-nos que pertencia a uma boa família portuguesa e que estava disposta a romper corajosamente a conhecida barreira de preconceitos, para fazer cinema. Achamos louvável a sua audácia e ficamos esperando que o seu exemplo frutifique com o tempo.

Foi confiado a Ana Maria o mais importante dos dois primeiros papeis femininos. Vai personificar a romântica rapariga portuguesa, a virgem sonhadora que espera a chegada improvável dum adorável príncipe. Supomos que, para fazer horas enquanto não vem o príncipe, já não é para desprezar o acontecimento raro na vida dum portuguesa de ter sido vedeta do primeiro fonofilme da C. P. F. S.

P. G.



# EXTERIORES



Imagem tomada de exteriores, durante a execução dum filme de Clarence Brown, em que figuram Greta Garbo e Robert Montgomery

cinema deve ser, movimento e da acção. Mas em fechar-se o recê de de- que cons- iardins, ou o duas

sempre sob a ameaça de mirões e parasitas importunos; ora se queixam do preço exorbitante das deslocações e da vida enervante dos hotéis; ora, com mais torpeza, dizem não se contentarem com a obra insuplantável de Deus, acusando-a de prejudicar ou não corresponder à «atmosfera» sonhada para os seus filmes.

Longe de nós a ideia de condenar o estúdio, verdadeira oficina do cinema, laboratório legítimo dos modernos alquimistas da luz. Mas cumpre atribuir-se-lhe as funções que realmente tem, reduzindo-o a elas, sem sujeitar o resto ao seu domínio.

Um dos mais graves erros iniciais do fonocinema foi precisamente essa fobia dos exteriores, resultante de injustificados receios de imperfeição técnica no capítulo som. Ao novíssimo tirano — o microfone — sacrificaram-se quilómetros de película virgem (as virgens sempre foram matéria própria para sacrifícios...), asfixiando as imagens, ansiosas da antiga e muda liberdade. E acontecia este fenómeno edificante: o público dos cinemas acolhia com entusiasmo evidente os poucos metros de «actualidades» que lhe serviam em cada programa, a-pesar-da deformação cavernosa ou fanhosa dos sons e da monotonia da sem-

piterna corrida de cav...s, da inevitável partida para um raído aéreo, da fidelíssima visita inaugural a certa exposição.

E' que os operadores das *movietone news*, pouco imaginosos mas senhores do verdadeiro segredo do cinema, colhiam corajosamente imagens desafogadas, resplandecentes, irrequietas, onde o vento era o vento e o sol era o sol. O cinema não é apenas, como diz Duhamel, uma arte de segunda ordem, pois nem sempre é imitação de outras imitações. Quando surpreende as coisas naturais — e só ele pode fazê-lo com naturalidade — nem sequer as imita: apresenta-se segundo o seu critério mecânico, transpostas, interpretadas, mas mais semelhantes, no ritmo e na forma, aos seus modelos reais, que apresentadas por qualquer outra arte.

E' sempre possível descobrir os locais próprios para a criação da «atmosfera» necessária a cada filme. Não se entenda a constatação dessa possibilidade como sinal de aspiração a fazer de cada filme uma obra de verdade. Somos pela imaginação, e consideramos a fantasia como o terreno mais próprio do cinema. Mas lembramo-nos de obras particularmente representativas e fantásticas, como «A Morte cansada» de Fritz Lang, em que o aproveitamento habilíssimo dos exteriores deu uma impressionante irrealidade. Nos filmes mais notáveis de Charlie Chaplin — «Charlot ao sol», «O Peregrino», «A Quimera do Ouro» — não faltam exteriores. Os mestres americanos — Vidor, Hawks, Clarence Brown, Cruze, John Ford, Mervin Le Roy, Roy del Ruth, Van Dyke, Badger, Flaherty, Cooper e Shoedsack, etc. — têm a devoção do ar-livre e da luz natural. «Aleluia», «O Vingador», «A Patrulha da Alvorada», «A Vertigem do Ouro», «A Fragata Invicta», «Três patifes», «O Homem do Metropolitano», «Uma Rapariga em cada porto», «Dolores», a série de Tim Mac Coy, «Vencendo pela Brandura», «Caçadores de Imagens», «Nanuk», «Moana», «Chang», «Rango», etc. — são verdadeiros monumentos erguidos à glória do

cinema de exteriores. Na Europa são mais refractários ao abandono do estúdio. Só os russos se mantiveram fieis à natureza, — e por isso nos deram obras como «Potiemkine», «A Mãe», «Outubro», «A Revolução de Dezembro», «O Cêrco de Paris» e «A Linha Geral». Franceses e alemães — recalcitram. Mas os melhores trechos de Joe May, de Pommer, de Hans Schwarz, de Ucicky, de Feyder, do próprio René Clair, que armou em flôr de estufa («Paris que dorme», «Nas Garras do Vento», «Um Chapéu de Palha de Itália») — foram tomados *au grand air*.

Temos dito mil vezes que a conquista dos sons não alterou a essência do cinema. Prevaleram as leis de espectáculo visual, que o microfone se limita a enriquecer prodigiosamente. Quando elas se respeitam, chega a ser possível transformar uma opereta inepta como «Não quero saber quem és» em excelente espectáculo de cinema, que nos obriga a reter o nome arvezado de Géza von Bolvary.

Antonio Barbero, crítico espanhol, diz que o cinema «começou a viver ao ar livre, com os cowboys do Oeste»... Foi realmente assim. As tão incompreendidas «fitas de cavalinhos» — que sempre tiveram em nós, tal como as fitas em séries, acérrimo e convencido defensor — são os verdadeiros «clássicos» do ecran. E se alguma coisa aspiramos dar um dia a um filme que possamos assinar pela mesma razão porque assinamos este artigo, é exactamente o movimento, a beleza, a emoção, a riqueza exterior das *westerns* de outros tempos.

Barbero só não tem razão quando profetiza a seguir que esse mesmo cinema — o autêntico — «morrerá com o último gangster, afogado num botequim de Chicago, quando comece a humedecer-se a lei sêca». A proibição criminosa de Volstead já desapareceu da constituição americana. Mas ainda há o ar, o sol, as árvores, os montes, o mar, os rios, cavalos, raparigas bonitas e homens fortes; e enquanto houver o ar, o sol e tudo o mais, o cinema — não morrerá. ANTONIO LOPES RIBEIRO



Malcolm Saint-Clair dirigindo Joan Crawford e John Mack Brown numa cena exterior de «O coração manda» (Montana Moon), sob o olhar competente de Douglas Fairbanks Junior, que até lá ainda era casado com Joan



# O NOSSO FORMIDÁVEL CONCURSO

## Nenhum leitor de "Animatógrafo" deve perder a oportunidade única que lhe oferecemos de visitar Berlim e Neubabelsberg

O nosso concurso tem feito sensação. Toda a gente nos fala nêlo, todos nos perguntam pormenores, interessadíssimos. Vêem vêr conosco os olhos iluminados de esperança, com uma vontade imensa de nos pedirem para que façamos com que o prémio lhes caia em sorte. Sente-se que estão em transe de ansiedade: caber-me-à a admirável viagem a Berlim? Seirei eu o felizardo?

E perpassa-lhes no semblante um enorme anseio de vencerem o azar. Se o apanhassem a jeito davam-lhe uma tarefa, reduziam-no a cinza, esperando assim conquistar as boas graças da sorte, essa senhora distante e difícil, que o azar defende com fúria zelosa.

Temos notado que muita gente, "descobriu" só agora Berlim, isto é, só agora realizou a existência da grande cidade. Isso explica-se facilmente. Antevem agora uma possibilidade de lá ir, de ficarem a conhecê-la pessoalmente. A capital da Alemanha assumiu imediatamente nos seus espíritos uma importância formidável. Não pensam noutra coisa, sabem de cór os nomes das suas mais famosas ruas e praças.

Unten den Linden, a porta de Brauburgo, Kuffurstendam, são já nomes familiares.

E todos esperam, confiadamente, que ainda este ano passearão por essas avenidas e por essas praças, os olhos muito abertos para verem muito, para verem o mais que lhes fôr possível, a antegosarem já a volta a Portugal

onde virão embasbacar e fazer morder de inveja todos os conhecimentos, com as suas narrações e orgulhosas.

Claro está que se reflecte no "Animatógrafo" todo este entusiasmo. E é justo que assim seja. E' à nossa revista que devem, por agora, esta deliciosa espectacular, e brevemente alguém a esplendorosa realidade.

As respostas ao nosso apêlo têm sido consideráveis em número e em entusiasmo. Todos querem agora assinar "Animatógrafo". Os leitores compreenderam que só teem vantagens nisso e vão desistindo, á formiga, de esperar a chegada do dia 13 para constatarem, excessivamente tarde, que fizeram asneira em não assinar o nosso jornal.

Três dèsses leitores que nos escrevem querem por força ir a Berlim, mesmo que não ganhem o prémio. Perguntam-nos quanto lhes custaria a viagem e se lhes poderíamos, com a nossa influência conseguir preços mais acessíveis.

Querem ao que parece aproveitar a companhia do cinéfilo feliz que fôr premiado pelo nosso concurso, aproveitando portanto simultaneamente, a companhia preciosa de H. da Costa, generoso ofertador do prémio, que fará tambem as honras da visita a Berlim e conseguirá para o seu premiado uma licença especial para a entrada nos estúdios da U. F. A., em Neubabelsberg.

Estas cartas fizeram-nos lembrar a

hipótese de organizar uma excursão a Neubabelsberg, para assinantes de "Animatógrafo" aos preços mais baixos que nos fôsse possível conseguir. Mas, pelo menos por agora não podemos encarar a sério essa ideia porque estamos obsecados com inúmeras preocupações que nos tomam todo o tempo. Mais tarde, voltaremos a pensar nisso se considerarmos que vale rrialmente a pena.

Por agora têm os leitores de "Animatógrafo" uma probabilidade única de ir a Berlim, inteiramente de borla, andar por lá durante 6 dias num regabofe constante e regressar a Lisboa tranquilamente, com o papinho cheio e sem o remorso da despeza.

Para isto já vocês sabem que basta assinar "Animatógrafo". Por desasseis escudos (uma quantia ridiculamente insignificante) podem vocês receber "Animatógrafo" á razão de doze tostões cada exemplar, assistem a todas as exhibições corporativas da Agencia H. da Costa, no Central Cinema, e ficam, sem trabalho nenhum, habilitados a ganhar algum dos duzentos prémios do nosso concurso cujo sorteio terá lugar já, já, no próximo dia 13 de Junho de 1933, para o qual faltam apenas, como estão vendo, quinze dias. Vamos, depressa, assinem "Animatógrafo".

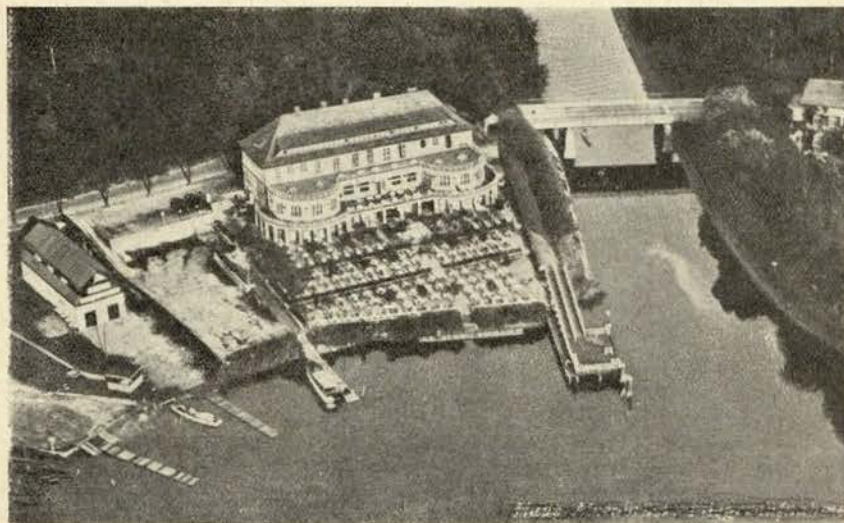
Para se interessarem, para verem que, de facto, não é asneira nenhuma, leiam mais uma vez, a descrição dos prémios:

1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia, prémio gentilmente oferecido pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, Ltd.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádio-fónico "Stewart-Warner" circuito super heterodino modelo 1933, oferecido pela casa Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, n.º 97.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR "ENSIGN" para filme de 16 milímetros, oferecido pela casa Amador Fotográfico de Roiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dèstes três prémios de primeiro plano, haverã mais duzentos prémios de consolidação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da Fábrica Nally, etc.



No feérico pavilhão junto da ponte Alsenbrück, nos arredores maravilhosos de Berlim, há de almoçar um dos leitores de «Animatógrafo»



GUERRA EUROPEIA  
A FRANÇA  
novamente contra a  
ALEMANHA



Estamos apoquentados por causa dos sarilhos que tem havido na Alemanha.

Os nossos respeitáveis interesses de cinéfilos puros vão ser fatalmente prejudicados com essas questões de política, distantes e inúteis. Com o ambiente exageradamente racista que se desenvolveu na Alemanha, é de prever que os acólitos fanáticos de Hitler levem o Führer a decretar qualquer coisa no sentido de

(Continua na página 16)

Simone Simon contra Renate Müller



# A distração genial de G. W. PABST

Pela segunda vez Pabst cedeu ao suave impulso. Abriu as *asas que um anjo lhe deu* e deixou-se levar, para além das coisas que se avistam da Terra, ao paraíso agri-dóce da poesia. Pabst, o artista que tem a sensibilidade mais presa à vida, de vez em quando esquece-se de que é uma pessoa deste mundo, distrai-se e corta sonâmbulamente as suas fortes amarras. E parte, desde a primeira volta de manivela, como um navio que parte à descoberta. No fim, quando regressa, conta-nos a sua viagem conhecida, com palavras tão diferentes que nós ficamos convencidos de que ele descobriu realmente caminhos misteriosos e continentes ignorados. Pabst, que já nos tinha deslumbrado com a sua enlouquecida e velada narrativa da «Atlântida», atraíu-nos mais uma vez com «D. Quixote» ao dédalo maravilhoso da sua mentira, ou, se quiserem, da sua lógica poética. Pabst não alterou o ritmo de D. Quixote como não tinha alterado o da Atlântida. Limitou-se apenas a modificar o programa para tirar dele o máximo efeito.

D. Quixote, personificado na obra de Pabst pela figura espantosa de Fedor Chaliapine, consegue manter a sua ilusão de tal maneira alheia à indiferença e à troça das pessoas normais que o rodeiam, que mesmo os espectadores vulgares acabam fatalmente por indignar-se com a embazerrada incompreensão dos outros pela espiritualidade magnífica daquele velho sonhador. E todos vão com ele. Todos se dispõem a acompanhar sem reservas o aceleração fantasista do fidalgo tonto D. Quixote, o doído sublime que implora ao Amadis de feira que lhe conceda a altíssima graça de errá-lo cavaleiro em paga

do seu auxílio na luta contra o gigante. D. Quixote, aquela pessoa que nós conhecemos de ver passar na rua com o fato coçado, que vive talvez em nossa casa e de quem a alma vagabunda fez vibrar com certeza algum gesto insensato da vossa vida.

Ninguém pode dizer que Pabst tenha alterado o sentido directo do livro de Cervantes. Lá está em todas as imagens a grandeza amarga e incompreendida do Cavaleiro da Triste Figura. Ah! Cavaleiro da figura lamentável! como eu gostaria de abraçar-te com força de encontro ao meu peito amigo! como tu me enterneces até às lágrimas, Chaliapine-Quixote!!... Como as pessoas de razão ponderada são, afinal, umas bestas inqualificáveis porque não percebem nada das tuas intenções sublimes! O teu sonho é tão justo, estás tão certo no teu papel, que nós achamos absolutamente razoável que a pobre vaqueira a quem chamas Dulcinea seja uma princesa e o estábulo onde ela mora, um castelo de pórfiro. Palavra de honra que é de pórfiro...

Quando vejo Chaliapine (já vi três vezes o filme) montado no seu cavalo infecto, afirmar, com a mão estendida sobre os olhos para evitar o sol, que se aproxima um exército de gigantes, acho muito certa a afirmação.

Vocês naturalmente também supõem como o material Sancho Pansa que se trata dum simpático rebanho de carneiros. Pobres criaturas de razão clara e de olhos abertos que vós sois! — aquele turbilhão de preira, reparem, esconde efectivamente um exército de gigantes. São terríveis e seus aqueles gigantes D. Quixote é um homem generoso que percorre o mundo para defender a humanidade. Qualquer hesitação é uma cobardia. Avante pois, á carga sobre os pérfidos gigantes. E D. Quixote avança, a galope no seu cavalo espectral, e corajosamente, violentamente, desbarata o exército. Depois, con-



O riso claro e contagioso de Pabst

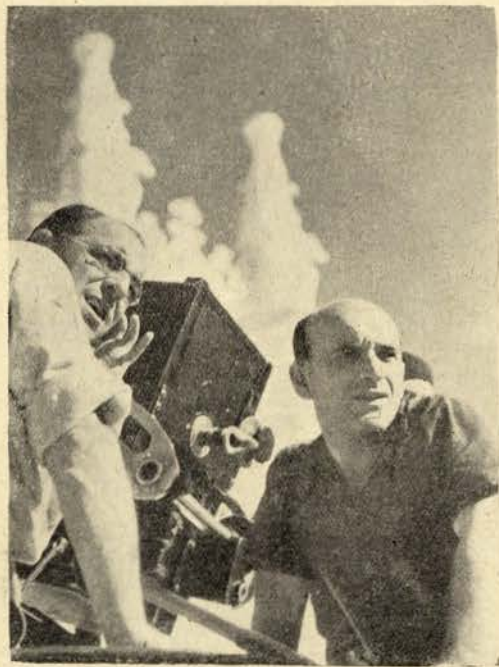
corda com o Sancho Pansa. Eram carneiros. Mas apesar de tudo, quem tinha razão ao princípio, era ele, D. Quixote, o Cavaleiro da Tristíssima e Divina Figura.

Eram gigantes.

Pabst não se importou nada com o aspecto atlético de Chaliapine. Ele precisava apenas dum homem que fosse capaz de nos dar uma ideia exterior da alma de D. Quixote. A magreza clássica do herói inútil não foi respeitada e ninguém se ofendeu com isso. Pabst é um realizador brutal e sincero. Pensou em realizar D. Quixote aceitou Chaliapine como sendo a única pessoa capaz de acompanhar o seu pensamento. Conseguiu-o seguramente.

O D. Quixote que morre assistindo à queima dos seus livros é a maior lição de tristeza que me têm dado até hoje. Ele morre sem se queixar de ninguém, receando apenas vagamente que os outros tenham razão para se queixar dele. O seu olhar morto ilumina-se ainda ao fogo vivo da fogueira inconsciente e o pobre homem abandona a sua vida falhada, cheio de pena por não possuir a ilha prometida a Sancho.

OLAVO



Em cima — Pabst e o operador de «D. Quixote», Nicolas Farkas, que dirigiu a espantosa cena dos moinhos e quase todos os exteriores. — A' direita — Pabst e Jean de Limur, que lembrou Chaliapine para interpretar o Cavaleiro da Triste Figura



A nimatógrafo



### D. Quixote

(D. Quichotte)  
de PABST

Pabst tem-se visto ultimamente na necessidade de dirigir filmes «comerciais», para ganhar a vida. Há já bastante tempo que teve de pôr de lado os seus assuntos preferidos. E, entretanto, os dirigentes da Nero têm-no encarregado de executar duas transposições de dois livros diferentemente célebres: a *Atlântida* e o *D. Quixote*.

Pabst não tem mais remédio e anda para a frente, mas vê-se mesmo que à *contra-córre*, tanto



mais que se sente peado. Só lhe deixam manobrar à vontade o seu imenso sentido cinematográfico. De modo que os seus dois últimos filmes valem na sua obra só como documentos da sua enorme «visão cinematográfica», mas nunca como valores absolutos da sua mentalidade.

E deixem-nos dizer-lhes que ainda bem. A interpretação *pabstiana* do *D. Quixote* devia ser uma coisa impossível. Certamente que teríamos o Cavaleiro da Triste Figura armado em paladino do seu não-conformismo e do seu humanitarismo revolucionário — o que seria desastroso. Então antes este *D. Quixote*, deformado somente pela preocupação comercial.

Não vejamos, de resto, no que escrevemos acima menosprezo por Pabst, pelas suas intenções ou pelos seus filmes comerciais. Bem ia ao cinema se todos os filmes fossem como a *Atlântida* ou o *D. Quixote*, para já não falar no *Quatro de Infância*, ou na *Tragédia da Mina*!

O *D. Quixote* resultou duma colaboração franco-germano-russa. Como não podia deixar de ser o «spanholismo» da obra ressen'te-se, compararia falta-lhe exuberância, verdade, espontaneidade; os trajes têm um aspecto demasiado novo; os vários tipos secundários foram insuficientemente marcados, carecem de realidade. Emfim não se tem nunca a ilusão daquêlles vasto mundo de Cervantes, turbulento, múltiplo e torrencialmente verdadeiro — autêntico retrato duma raça.

Mas é um facto que o espirito da obra foi respeitado, em especial quanto às figuras principais. O *D. Quixote* de Pabst é o *D. Quixote* de Cervantes. Mas na obra de Cervantes há mais alguma coisa do que no filme de Pabst.

O *cenário* do filme foi trabalhado por Paul Morand e Alexandre Arnoux. Em nosso entender bastava que tivessem ordenado e ligado cinematograficamente os episódios mais célebres da obra. Mas dignaram-se colaborar com Cervantes, e isso era desnecessário...

A execução cinematográfica é primorosa. Pabst soube compôr lindas imagens, encadeadas magistralmente e ritmadas com a maior inteligência. Soube aproveitar a voz estupenda de Chaliapine para exprimir a exaltação do herói, fazendo assim que o seu canto nunca nos chocasse. Soube tirar dos seus intérpretes aquilo que era preciso que tirasse: de Chaliapine muita emoção e espiritualidade e de Dorville um cómico plebeu, impetuoso e natural.

Chaliapine muito bem. O seu *D. Quixote* é uma interpretação que fica, apesar da inquéria do palco que a espaços se constata. O seu *D. Quixote* tem «dógo interior», visionarismo, grandeza. Para isso bastante contribuiu Pabst, com o respeito com que tratou a figura.

Merecem referência elogiosa a partitura de Jacques Ibert, inspirada e inteligente, a fotografia *hors-pair* de Farkas e Portier e os desenhos e sombras de Lötze Reiningner.

Pabst serviu-se ainda neste filme do seu processo de contrastes para obter novos efeitos e exteriorizar intenções. Algumas cenas são notabilíssimas, sob todos os pontos de vista.

Entre elas devem destacar-se o episódio dos moínhos e o renascimento do *D. Quixote* de Cervantes das cinzas dos livros de cavalaria — lugar-comum literário transfigurado pela fotogenia e uma das coisas mais lindas que nos tem sido dado ver em animatógrafo.

### Triste vida a do soldado

de GEORG JACOBY

Nunca é bom um filme oscilar entre dois géneros, excepto em casos muito especiais. A indeterminação do género prejudica geralmente um filme. E o que se dá com este, que tão depressa é comédia como farsa. E diga-se em abono da verdade, nunca é boa comédia nem nunca é boa farsa.

O embroglio, chave do filme, era bem achado e podia dar para coisas famosas. Mas não deu. Algumas cenas são engraçadas, mas a seqüencia é traca.

O que dizemos não é uma negação absoluta do valor do filme. Valor comercial possui-o e bastante. Então se fosse falado em português era filme para ter um belo éxito.

Do seu valor artístico é que ficamos fazendo uma ideia pobre. Não tiveram imaginação suficiente para tratar o assunto, que não era dos piores.

Gags novos, originaes, só um: a irrupção da água no meio dos exercicios, em passo suspenso, montada pelo deus «Marte».

Fritz Schulz mostra que tem recursos. Deve vir a notabilizar-se. Num pequeno papel Camilla Spira, que veremos no *Testamento do Dr. Mabuse*. Os outros bem, e entre elles alguns artistas de valor, como Ida Wüst, Paul Otto, Hans A. von Schletow.



### Salvem as mulheres!

(Save the Ladies)  
de JAMES W. HORNE

Pegaram em três farsas de Laurel e Hardy, juntaram-nas pelas pontas e fizeram assim um filme de fundo. O facto de nas três haver uma mulher que elles pretendem salvar, justifica o título. Como as farsas são engraçadíssimas, tudo isto está certo, embora fosse preferível que houvesse unidade de acção.

Não se pode afirmar qual seja a melhor das três. São todas excellentes. Do principio ao fim só não se ri quem não o souber fazer. Porque



não há desgosto, contrariedade ou neurastenia que resista.

Apontar-vos este ou aquêlles *gag*, é difícil, porque não sabemos por onde começar e, se começássemos, nunca mais acabávamos. Destacamos um pelo seu caracter *marxiano*, inédito nestes dois cómicos: Laurel está dentro duma banheira cheia de água e acabou de ganhar mil dólares, por culpa de Hardy, que não os ganhou elle próprio por querer armar em esperto. Então para se vingar puxa a válvula da banheira. A água escôa-se para o cano e o Stan também!

Laurel e Hardy desempenham as três farsas maravilhosamente. Algumas cenas são espanto-

(Conclui na página 16)

Esta semana só a Agência H. da Costa apresentou «actualidades». Fez exhibir a sua Revista Mundial n.º 29 e dois Noticiários Sonoros U. F. A., o 21 e o 23. Foram três excellentes «actualidades», principalmente o último, que era o que tinha mais actualidade: mostrava-nos acontecimentos d'este mês.

Quero dizer, esta semana tivemos uma pequena amostra do que são «actualidades».

Os três jornais exhibidos são de origem alemã, por isso não é de extranhar que focassem com tanta insistência vários aspectos significativos da revolução alemã. Vimos Hitler discursar no Sportplatz, antes de chanceler; vimos a abertura do Reichstag em Postdam, a 21 de Março; vimos uma festa da policia berlinesa, também no Sportplatz, presidida por Goehring e Von Papen; e vimos alguns aspectos da Festa Nacional do Trabalho (1 de Maio) em Berlim; uma sessão em Lustgarten, o comício monstro de Tempelhoff.

Ora aqui estão umas «actualidades» elucidativas...

Vários outros acontecimentos, focados também nestes jornais, tinham muito interesse. E no último dos apontados, incluíam muito bem uma «actualidade» nacional: a chegada de Max Nosseck.

Foi notável a maneira porque trabalharam os operadores da U. F. A.

Esplêndida fotografia, som muito nitida e, principalmente, ótimos enquadramentos. São modelares a sessão no Sportplatz, a que nos referimos acima, e a disputa da Taça Mussolini no Concurso Hípico de Roma. Os cavalos entravam na pista e a objectiva seguiu ininterruptamente todo o percurso.

Esta semana, portanto, pomos pouco ao nosso resmungar. Não temos a velocidade de supôr que seja um ponto final... mas quem deva!

### Desenhos animados

MICKY PESQUISADOR — *The Klondike Hid.* de Walt Disney — Não se pode fazer melhor. The Klondike Hid é um desenho animado modêlo. Imaginação a ródos e uma execução magistral. Disney procura as dificuldades e resolve-as como ninguém. A cena dos tyros, iluminada só pelos clarões, é formidável. E a das molatô simplesmente prodigiosa.

O REI DAS TRAQUITANAS — *Phoney Express* — de Ub Iwerks — Um bom desenho animado mas que, está claro, não se pode comparar ao de Disney. No entanto é um dos bons trabalhos de Iwerks.

### Documentários portugueses

Juramento de Bandeira da Policia — da Ulysses Filme — Operador J. Nunes das Neves — A parada da policia no Terreiro do Paço, bem fotografada, com limpeza. Alguns planos demasiado longos.

Estoril — da Ulysses Filme — Operador Adolfo Quaresma — Um documentário cuidado e feito com bom critério. Planos bonitos e outros estragadas pela mediocre fotografia.

Festa num Regimento de Lisboa — Operador Adolfo Quaresma — Vergonhoso «100 metros». A fotografia abaixo de toda a critica. Alguns planos montados de pernas para o ar. O filme anteriormente citado, do mesmo operador, está muitos tyros acima deste. Como o julgamos posterior, é de crer que o sr. Quaresma está a melhorar de forma. Ainda bem.

### Farsas

A Grande Corrida de Hollywood — *The Hollywood Handicap* — da Universal — Realização de Charles Lamont — Curiosa farsa em que aparecem muitos actores conhecidos. Certos recursos da técnica utilizados com felicidade. As primeiras cenas, de critica ao publico dos cinemas, felicissimas.

Luvas de Box — *Boxing Gloves* — com a Pandilha — Engraçada e feita com um certo cuidado. O combate de box não está mal.

### Culturais

Espadartes e Tubarões — Documentário cheio de interesse da pesca a estes dois «piratas do mar». Linda fotografia. E umas legendas pateticas, de humorismo duvidoso, a estragarem a projecção.

Parada atletica — Inteligente comparação entre os sports actuaes e os do avant-guerre. O pitresco de então e a técnica moderna. Um excellent complemento.

### Outros filmes

Moeda falsa — Realização de Heuberger — Um pequeno filme sem pretensões, engraçado e curioso por vezes.

D. M.



TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATI-  
COS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE  
CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA  
RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊN-  
CIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DE-  
VE SER DIRIGIDA A DR. CELULOIDE,  
: : R. DO ALECRIM, 65-LISBOA :

# Correio dos Cinéfilos

**DR. HENRY PERRY**—*Ponta Delgada*—O prazer creia, caro colega, foi todo meu...—Sinto muito o ter de dizer-lhe que a sua *queridinha* está desde há uns três anos afastada do cinema. Audrey Ferris era na verdade a uma pequena encantadora; gabo-lhe por isso, o gosto. É americana, e tem hoje 28 anos, pois nasceu a 15 de Março de 1905—*Slightly Used, Beware of Married Men e The Glad Rag Doll* são alguns dos seus filmes. Esteve muito tempo sob contrato da Warner Bros.—Se tem muito interesse pode escrever para os estúdios desta empresa pedindo-lhe um retrato: First-Warner Studios, Burbank, Calif.—And I am always at your orders, my dear doctor.

**WEISSULLER II**—*Lisboa*—Kathe von Nagy é na verdade uma rapariga encantadora e uma artista de sensibilidade.—Entre os seus filmes contam-se *Loucura de Monte Carlo, Romny, Um homem Feliz, Amorosa Aventura, e Eu de dia e tu de noite*.—Sim, todos eles foram apresentados em Portugal pela Agência H. da Costa.

**TOM**—Entre 5 e dez acções, se não estou em erro.—Essa sugestão que faz está sendo estudada desde que se começaram a publicar; esperamos em breve dar-lhe satisfação.—Era Jean Harlow.—E não pense que nos importuna com as suas perguntas; são exactamente essas as minhas funções dentro de «Animatógrafo». Por isso escreva sem receio.

**UM CINÉFILO CONQUISTADOR**—*Lisboa*—Você exagera e dá provas duma falta de paciência que não parece dum rapaz da sua idade. Dê tempo ao tempo e tenha confiança, que é afinal a coisa mais bonita que se pode possuir.—Florielle apareceu em *Traição, Atlântida, Maré de Sorte, e O Filho Improvisado*.—André Roanne vimos-lo no fonocinema em *Cruzeiro do amor, Acusado, Leante-se, e Glória*.—Por sua vez de *Ann Ondra* exibiram-se entre nós os seguintes fonofilmes: *Mam'zelle Nitouche, Amy-faz-tudo; Amy e os Carteiros Amy no Music-Hall, Amy Kiki, Amy na Escola, Amy na Alta Roda, Amy no Circo, A Menina do Harmónio e A Filha do Regimento*—E tenha calma, Gégé!

**JOSE GUIMARÃES**—*Braga*—Sensibilizou-nos a sua oferta, que não podemos desde já aceitar visto não possuímos ainda esse serviço. No entanto, na primeira altura nos lembraremos de si—Agradecemos desde já toda a sua acção para com «Animatógrafo».

**CINEFILO SOLITARIO**—*Frankenstein* é, no seu género, um filme deveras interessante. Não nos custa a crer por isso que dele tivesse gostado.—Na Posta Restante vimos o que pediu.—Volte a escrever-me quando quiser.

**ROQUE DE ALMEIDA**—*Benavente*—Tom Mix, foi sem dúvida um dos mais populares *cow-boys* do cinema.—Tom, como aliás noticiamos, deixou definitivamente o cinema para se dedicar ao circo. No

entanto, se é só para ter dele um retrato, escreva fazendo esse pedido para os Universal Studios, Universal City, Hollywood Calif.; estou certo que mandam.—Se tiver oportunidade não deixe de ver *O Cow boy e o Rei* que é um magnífico filme do seu amigo Tom Mix.

**CINEMA**—*Lisboa*—Dou-lhe os meus parabéns pois ganhou a aposta. Tratava-se, como aliás era fácil de adivinhar, de *Ann Ondra*.—Sempre que tiver qualquer dúvida faça como agora—escreva-me e pergunto.

**GOOD BYE**—Transmitimos a Leitão de Barros para Madrid, onde se encontra actualmente, o seu abraço e os cumprimentos pelo artigo «Monólogo às escuras», que tanto lhe agradou. Publico noutro lugar o seu pedido.

**SALOMÃO SILVA**—Escreva a Brigitte Helm para o seguinte endereço: U. F. A.: Krausenstrasse, 38-39, Berlin W. 19.—No seu lugar respectivo, publico o que me pede.—Sempre às ordens.

**FIGUEIRINHA ENGRAÇADA**—*Lisboa*—Lamento muito, simpática leitora, o não lhe poder dar o endereço actual, e certo, de Ramon Navarro. Ele anda dum lado para o outro, de forma que isso é de todo impossível. No entanto se deseja dê-lhe apenas um retrato, escreva, pedindo-o para os Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Calif.—Não creio que esteja no seu itinerário um passeio até ao nosso país...

**LE PRINCE CHARMANT**—*Lisboa*—Um artigo desses já perdeu, a bem dizer, a oportunidade. Por isso, ainda que tivesse muita coisa para contar, como de facto tem, não creio que o faça.—«O Rei dos Reis» foi apresentado em Lisboa, pela primeira vez, em Março de 1928.—Na Posta Restante virá o que lhe interessa.

**UM NEURA EXCÊNTRICO**—*Lisboa*—Se as suas excêntriciades se limitarem a querer saber coisas de Marie Glory, vamos lá com Dens que não são de todo fóra do normal... A sua Marie—cautela com os ciúmes de Marcel Vandal, que é um homem alentado!—reside em Paris, no 37 da rue Pergolèse. Escreva-lhe para lá, pois estou certo que não se fará rogado para lhe mandar o retrato. No entanto não deixava de ser conveniente mandar-lhe juntamente quaisquer cinco francos em selos, para as inevitáveis despesas de correio—Arquivei, como me pediu, a sua direcção.—Quando estiver disposto a trocar correspondência com leitoras de «Animatógrafo» avise, para publicarmos esse seu pedido.

**GUSTAV**—*Foz do Douro*—Para a seleccionada da Tobis, Ivone Fernandes escreva-lhe para o seguinte endereço: Avenida da Liberdade 141-1.ª, sede daquela companhia.

**ANTONIO FIGUEIREDO**—*Colimbra*—Sensibilizados pelos seus

elogios.—Quanto a essa secção não pensamos criá-la por não acharmos por ela o interesse que o amigo nos diz. Há-de concordar que é um pouco deslocada, quando há assuntos que melhor merecem o espaço que aquela deveria ocupar.—Escreva sempre que lhe aprouver.

**LAUREL E HARDY II**—Afinal o amigo é o Laurel II, ou o Oliver Hardy II? Os dois ao mesmo tempo é que não vemos como isso possa ser. Enfim, o amigo lá sabe o que faz e o que escreve...—Jean Harlow manda certamente, fotografia. Para isso basta pedir-lha para os Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Calif. Não sabe português. Tem portanto de lhe escrever em inglês.

**DR. OX**—Pelo tipo da tua máquina de escrever dir-se-ia que a carta que me escrevestes pertencia a *Henri Garai Disfarçado*. E's amigo dê-me, para escreverem ambos na mesma máquina? Verdade seja que tu dás-me uma morada diferente. Confesso, porém, que não percebo o caso lá muito bem, com o que aliás nada tenho, não é verdade?—Anita Page, que saíu há pouco da Metro, pertence agora à Columbia Pictures Studios, 1438 Gower Street, Hollywood, Calif.—Acabou de interpretar para este empreza o filme *Soldiers of the Storm* (Soldados da Tempestade).

**VENUS DA COSTA DO SOL**—*Lisboa*. Ha-de continuar a permitir que insista no que lhe disse a seu respeito. Tenha paciência mas não me contrarie, pois que eu tenho a certeza que é assim, tal qual escrevi...—Ora essa, porque é que os portugueses não dão de ter condições para fazer cinema? É uma pura questão de diligência e de selecção. Nessa competição com o estrangeiro é que sinceramente não creio.—Aprovo, e agradeço-lhe a sua resolução de abandonar a leitura desses dois jornais... Só demonstra com isso ser uma rapariga inteligente. Como deve ter visto os meus leitores mostram-se interessantíssimos pela sua pessoa. São cartas e mais cartas. Pode ficar absolutamente tranquila que não divulgarei nem o seu nome nem a sua morada; é segredo profissional...—E aqui estou sempre à sua disposição, simpática e gentil C. H.—Até breve, pois.

**JOSÉ DA SILVEIRA E CUNHA**—*Bragança*—Não pense nisso—Não quero saber quem é e uma esplendida comédia em que Liane Haid, Gustav Froelich e o engraçadíssimo Szokke Szakall têm uma magnífica interpretação.—Nancy Carroll tem 27 anos e nasceu em Manhattan, um dos subúrbios de New-York. Apareceu pela primeira vez como corista numa opereta que se exibiu num teatro de Broadway. Para nós o seu melhor trabalho foi em *Segue o teu coração* um filme verdadeiramente interessante e dedicado.—É descendente de irlandezes. Tem 1,962, cabelo ruivo e olhos azues.—O seu mais recente filme intitula-se *I love that man* (Amo aquele rapaz) que

acabou de interpretar para a Paramount, empreza a que pertence. Para lhe escrever enderece a sua carta aos Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. Ao seu dispor, para o que, sobre cinema, lhe interessar saber.

**JOSÉ FIALHO**—*Faro*—Envie para a administração a importância referente ao período por que lhe interessa assinar. A revista segue imediatamente, com o respectivo cartão de assinante.

**MAIS LINDO QUE RAMON NAVARRO**—*Lisboa*—Mas que beleza de homem! Tenha cuidado, muito cuidado, que os homens de tudo são capazes...—E' muito simples. O leitor que o desejar envie-nos a sua carta num envelope em branco que nós preencheremos com o devido endereço. *Et ainsi de suite*. Como vê, nada mais fácil—Assinante, amigo de «Animatógrafo» e do dr Celuloide, você é um leitor á altura.—Tem sempre à sua disposição estas colunas.

**MARY ROGERS**—*Figueira da Foz*—Concordo absolutamente consigo, gentil Mary. Mary Brian é uma das mais simpáticas ingenuas americanas. Chama-se realmente Louise Dantzier. Nasceu em Corsicande no estado do Texas, a 17 de Fevereiro de 1908. Tem cabelo castanho e olhos azues. Está solteira se bem que se volte de novo a dizer em Hollywood que está noiva de Charles Rogers, com quem apareceu em vários filmes.—Estreou-se no cinema no papel de *Wendy* em *Peter Pan*.—Actualmente é uma artista independente, trabalhando para qual quer empreza. Depois de ter feito alguns filmes para a Warner Bros acaba agora de interpretar para a Paramount *Song of The Eagle* (Canção da Águia)—*Crime da Rua Morgue* é um filme bem curioso; não deixe de o ver quando aí fór exibido.—E volte a escrever-nos, Mary.

ER. CELULOIDE

## Posta Restante

**WEISSMULLER II**—*de Lisboa*—Deseja corresponder-se com leitoras da nossa revista.

**TOM**—Teria muito prazer em trocar correspondência, tanto em português, como francez e inglez, com leitoras de «Animatógrafo».

**CINEFILO SOLITARIO**—*de Lisboa*—Interessa-se corresponder com leitoras de 17 a 20 anos, sobre assuntos de cinema, ou outros.

**GOOD BYE**,—leitor de «Animatógrafo» em Lisboa gostava de travar correspondência com Mary Light. Se esta nossa leitora aceder, escreverá a primeira carta por minha interferência.

**SALOMÃO SILVA**—*de Lisboa*—deseja corresponder-se por intermédio do Dr. Celuloide com leitoras de «Animatógrafo», especialmente com Maria Angélica Santos, de Santarém.



|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
| <p><b>Chiado Terrasse</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>30 % NAS MATINÉES DE<br/>3.ª FEIRA, 30 ou 6.ª FEIRA,<br/>2 DE JUNHO</p> | <p><b>Central</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>50 % NA MATINÉE DE<br/>4.ª FEIRA, 31 DE MAIO</p> | <p><b>Palácio</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>50 % NA MATINÉE DE<br/>5.ª FEIRA, 1 DE JUNHO</p>           | <p><b>Central</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>50 % NA MATINÉE DE<br/>6.ª FEIRA, 2 DE JUNHO</p>   |
| <p><b>Condes</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>25 % NA MATINÉE DE<br/>SÁBADO, 3 DE JUNHO</p>                                    | <p><b>Olympia</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>50 % NA MATINÉE DE<br/>SÁBADO, 3 DE JUNHO</p>    | <p><b>São João</b><br/>(PORTO)</p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>COM O DESCONTO DE<br/>50 % NA MATINÉE DE<br/>SÁBADO, 3 DE JUNHO</p> | <p><b>Odéon</b></p> <p>SENHA VÁLIDA PARA<br/><b>2 ENTRADAS</b><br/>DE PLATEIA OU DE BALÇÃO<br/>EM TODAS AS MATINEES DA<br/>SEMANA DE 28 A 4 DE JUNHO<br/>EXCEPTUANDO A DE QUINTA-FEIRA, 1 E A DE DÓMINGO, 4 E PAGANDO APENAS<br/><b>2\$50</b></p> |

## Clark Gable A França novamente con'tra a Alemanha **CRITICA**

Continuação da página 8

Continuação da página 13

Continuação da página 15

rion Davies, e *Strange Interlude* de novo com Norma Shearer.

Acendeu um cigarro e com um sorriso bem significativo continuou: «Se *Alma Livre* fôra o expoente máximo da carreira de Gable, e devo considerar francamente *Polly of the Circus* o seu ponto mais fraco, assim com *Strange Interlude*, que não lhe deu oportunidade para grandes vãos.

«A minha carreira sofreu, assim pois, e com muita razão, um compasso de espera. No primeiro dos filmes interpretava a figura dum padre, papel de que eu nunca consegui compenetrar-me, e em *Strange Interlude* fazia um médico. Em qualquer destes dois filmes senti-me totalmente deslocado. Como não podia deixar de ser, essa sensação reflectiu-se nitidamente no meu trabalho.

Entretanto, enquanto eu me via sendo obrigado a abandonar o tipo do personagem que criara, outros estudos moldavam os seus artistas de modo a darem o melhor no «género Clark Gable»...

Eu tenho *Red Dust*, que interpretei com Jean Harlow, como o primeiro filme—reação da minha carreira. Com êle voltei à minha personalidade. O filme possuía uma esplêndida história, e nele tinha por companheira uma admirável artista; e assim, pela primeira vez depois e *Virtudes Mo ternas* eu senti estar em bom terreno.

Posso considerar-me uma pessoa com sorte por ter interpretado um filme como *No Man or Her Own*, que fiz por cedência da minha pessoa da «Metro» à «Paramount».

Considero o meu trabalho neste filme como o de maior relevo de toda a minha carreira. Não deixa por isso de ser curioso o facto de o ter feito numa empresa que não é aquela sob cujo contrato me encontro.

Espero que agora a minha carreira não venha a sofrer precalços, como os que já tem no seu activo. Agora que a minha situação parece ter-se regularizado, eu não só aspiro a interpretar uma série de bons filmes com bons elencos — como a não ter de voltar a interpretar personagens estravagantes, ou criar papéis de padre!

sufocar para sempre a produção de versões francesas nos estúdios da U. F. A.

Vocês estão a ver a contrariedade que isso representa. Vamos ficar reduzidos aos filmes franceses feitos em França que nem sempre correspondem às ferozes exigências dos cinéfilos portugueses. Só temos uma chance de que isso não aconteça.

Hugenberg um dos mais influentes directores da U. F. A. que também acumula as funções de ministro de Hitler, não deve, apesar da sua fúria racista, com indifferença sofrer o prejuízo financeiro que representa para os seus estúdios a eliminação das versões francesas.

Fora destas questões diplomáticas, a França e a Alemanha equivalem-se fotogenicamente. Há pernas assombrosas de parte a parte. Nesse ponto qualquer ideia racista é idiota. A política das pernas está na ponta dos dedos. Pernas francesas, pernas alemãs, inglesas ou portuguesas!!!... venham elas donde vierem desde que sejam bem feitas.

Trocar os planos dumo fortaleza por um par de pernas inimigas! — Como isso é, afinal, humano e quasi desculpável...

«Não sei dizer nada sobre *Irmã Branca*. No entanto, como já atrás disse, procurei seguir de perto o trabalho de Ronald Colman na primeira versão daquele filme. Sim, por que isto de ter Ronald Colman por modelo, em qualquer papel, deve constituir uma honra para qualquer actor! Mas o estúdio tem-o por um esplêndido filme — e Helen Hayes é uma espantosa artista.

«O que fôr se verá», disse Clark Gable sorrindo...

P. S. — Há pouco assisti à exhibição privada de *Irmã Branca*. Clark Gable tem no seu personagem uma interpretação admirável. Com mais êxito na sua carreira queremos crer piamente que a «queda de Gable» foi coisa que passou e que Clark passará a ocupar de agora em diante e por tempo indeterminado, o lugar de grande vedeta, que de justiça lhe pertence.

NANCY PRIOR

Domingos Mascarenhas

# ANIMATOGRÁFO

ANO I

NÚMERO 9

Lisboa, 29 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO

Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65—Impressão: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa—Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd.

Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três meses, 10\$00 — Seis meses, 31\$00 — Um ano, 62\$00. (Para os assinantes, cada número custa somente 1\$20)

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Preço 1\$50



# Proteja a saúde da sua família instalando em sua casa um **GENERAL ELECTRIC** **Refrigerator**



A marca GENERAL ELECTRIC é a melhor  
garantia de boa qualidade dum aparelho eléctrico

**Os alimentos sempre  
em perfeito estado de  
conservação**

**Gêlo, sorvetes, saladas  
de frutas, etc.**

**O armário frigorífico  
simplificado**

**Uma simples tomada  
de corrente basta**

**O Refrigerator auto-  
máticamente fará o  
resto**



**Concessionário geral para Portugal e Colónias**  
**Sociedade Ibérica de Construções Eléctricas, Lda.**

**Praça Luís de Camões, 36-1. Dt. — LISBOA — Telef. 2 5347**

*Em exposição e venda na*

**Antiga Casa JOSÉ ALEXANDRE, Rua Garrett, 8 a 18**





## PHILLIPS HOLMES MUDA DE COMPANHIA

O insinuante e loiro galã de «Um Valente», do «Homem que eu matei» e da «Tragédia Americana», que já conta em Portugal um exército de admiradores, deixou a Paramount, onde iniciou a sua já tão brilhante carreira, trocando-a pela Metro Goldwyn Mayer. Não queremos perder a oportunidade de dar às leitoras solteiras de «Animatógrafo» uma dessas «receitas de sonho» que nós, jornalistas de cinema, passamos e aviamos: Phillips Holmes não é casado, nem viuvo, nem divorciado, nem está noivo de nenhuma estrelinha aliciante. As «phillipsholmófilas» podem, portanto, conservar intactas as esperanças.





NÃO PODIAMOS FUGIR À BANALIDADE SIMPÁTICA DE PUBLICAR A FOTOGRAFIA MENOS BANAL DA NOSSA COLEÇÃO QUE SERVISSSE DE CONVITE À PRAIA, NO LIMIAR DO ESTIO, AOS NOSSOS LEITORES COM VONTADE (E COM RAZÃO) DE ABANDONAR A INSÍPIDA LISBOA. INFELISMENTE CATHERINE HOYLAND NÃO TOMA BANHO NO ESTORIL...